COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

À maneira de «peregrinação»

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "À maneira de «peregrinação»", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 121-127.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

92
À MANEIRA DE 'PEREGRINAÇÃO'

É quando o mês de Abril, com suas doces bátegas,
rompe, até à raiz, a secura de Março;
é quando cada veio, embebido em licor,
fica pronto, por fim, a que se engendrem flores;
é quando a brisa vem, com seu bafo de seda,
reanimar a charneca e vesti-la de esteva;
é quando o Sol, no céu, como um jovem escudeiro,
metade percorreu do signo do Carneiro;
é quando aves em coro, em doce melodia,
não distinguem sequer entre a noite e o dia:
é então que apetece, em peregrinação,
aos santuários ir de cada região...

Pois vamos nós também, como Chaucer nos propõe no início dos *Contos da Cantuária*, «em peregrinação» — não de começo da Primavera, mas de começo do Estio — a alguns lugares por onde passámos no decurso do último ano. E foi justamente com Chaucer que iniciámos, em Outubro do ano passado, um novo ciclo destas *Imagens da Poesia Europeia*, depois de termos consagrado, durante o Verão, várias emissões a uma «Antologia de Férias», que foi uma espécie de recapitulação...

Este ano, no entanto — e apesar das variadíssimas solicitações recebidas nesse sentido —, não haverá «Antologia de Férias»... Como já aqui disse, há três ou quatro meses, creio ter eu próprio direito a umas férias... sem «antologia». E regressaremos em Outubro, como também já foi anunciado. Mas, para satisfazer justamente os pedidos de quantos insistem pela tal «recapitulação», dedicaremos a emissão de hoje — a última antes das férias — a uma «peregrinação» simbólica por meia dúzia dos «lugares» que foram de maior agrado dos telespectadores... Como não será possível, apesar de tudo, satisfazer toda a gente, limitarei apenas a autores estrangeiros — essa meia dúzia de «lugares selectos». Em todos os casos socorrer-nos-emos de traduções que fizemos expressamente para este programa — o que também servirá para dar, por outro lado, uma fugitiva «imagem» do esforço reali-

zado neste sentido. E vamos lá à referida «peregrinação», apontando o mais sucintamente possível os autores elegidos.

Em primeiro lugar, o catalão Ausiàs March. Nascido mais ou menos na altura em que morre o inglês Chaucer (cerca de 1400), a sua obra situa-se na primeira metade do século XV — e é, por um lado, representativa do «Outono da Idade Média», enquanto, por outro, anuncia já os novos tempos, a iminente chegada do Renascimento aqui à Península Ibérica. Assim o mostram estas estrofes de um dos seus Cantos:

Busquem as gentes vãs com alegria as festas
e vão louvando Deus, com variados desportos;
que as praças, os jardins e os hortos deleitosos
estremeçam ao som de relatos de gestas;
mas sozinho vá eu os sepulcros buscando,
de perto interrogando as almas condenadas
que me hão-de responder, tão desacompanhadas,
sem terem mais ninguém no seu perene pranto.

Procura cada qual quem lhe for semelhante;
por isso não me agrada o convívio dos vivos.
Ao verem como estou logo se tornam esquivos;
e vendo a morte em mim encaram-me com espanto.
O cipriota rei, de hereges prisioneiro,
a meus olhos não é sequer desventurado,
pois tudo o que eu quiser jamais será logrado
nem para meu desejo há nenhum curandeiro.

Tal como Prometeu a quem a águia come
o fígado, e de novo a carne faz brotar,
nunca cessando, pois, de assim o devorar
— uma dor mais intensa é a que me consome,
pois um verme me rói sem fim o pensamento
e outro o coração, roendo-os sem parar;
e como tudo o mais que não posso alcançar
não se detém nenhum nem por um só momento.

Razão tem um crítico contemporâneo ao afirmar que «Ausiàs March é o primeiro poeta que conseguiu dar-nos uma imagem do homem torturado pela morte e pela dúvida metafísica», através de «uma poesia áspera e profunda». E a verdade é que os seus versos, embora contemporâneos de muitas «danças da Morte», pouco ou nada têm de comum com estes textos, igualmente característicos do «Outono da Idade Média»:

MORTE:

Apressa-te, burguês, e sem tardar:
não tens haveres nenhuns, não tens riqueza
que te possam da Morte hoje salvar.
Se de teus bens usaste com largueza
fizeste bem: foi prova de sageza...
Dos outros nos vem tudo; a outros passa.
Louco só é quem de amassar é presa.
Não se sabe jamais pra quem se amassa.

BURGUÊS:

Mágoa me faz tão cedo assim deixar
rendas e casas, foros e usura.
Ricos e pobres gostas de igualar:
assim tu és, ó Morte, e não tens cura.
Não é sensata, não, a criatura
que ama de mais os bens aqui da terra,
pois a Morte por fim tudo mistura
e no mesmo lugar todos encerra.

Este pequeno fragmento de uma «dança da Morte» — de um anónimo autor francês do século XV — servir-nos-á também, já agora, para recordarmos como outro poeta, este conhecido, da mesma nacionalidade e da mesma época, exprimiu, numa Balada impressionante, os sintomas da aproximação da Morte. Trata-se da «Balada dos Sinais da Morte», de Eustache Deschamps:

Torno-me curvo, corcovado;
sinto-me surdo; o mais declina...
Já dentro em pouco estarei calvo;
e o pingo cai-me das narinas.
Meu coração? Uma ruína...
Tudo começa a vacilar.
Não sei falar sem me irritar;
e é o desdém o que me morde...
Mal me atrevo até a andar...
São já sinais da minha morte.

Ávido, azedo, amargurado,
é só desgraças que adivinha
meu coração... E mais me agrada
o que lá vai do que a doutrina
que o tempo de hoje nos ensina.
Custa-me ver rir ou brincar;

prazer só tenho em resmungar,
pois o passado me remorde...
Gosto de os jovens censurar...
São já sinais da minha morte.

Meus dentes caem de tão fracos,
e cheiram mal como as sentinas.
Tudo em meu corpo está gelado,
e seco, e magro... A medicina
mais me sustém do que a cozinha.
Tão pouco já posso tragar
que só jejuns me hão-de alegrar!
E a cada passo o corpo dorme...
E é só beber, ou só cheirar...
São já sinais da minha morte.

Que mais, senhor, acrescentar?
Eis-me no fim, e a confirmar
desta velhice a triste sorte,
até quem mais me deve amar
só me quer ver noutro lugar...
São já sinais da minha morte.

Mas, pela mesma época, havia também quem fosse frívolo; e quem da frivolidade fizesse mesmo uma forma de viver, uma espécie de ganha-pão... Este era o caso de Christine de Pisan, a primeira escritora «profissional» das letras francesas, que aliás exprimiu, de modo admirável, a tortura de «com triste coração cantar alegremente»:

Com triste coração cantar alegremente
e rir, 'stando de luto, é coisa bem difícil;
o contrário mostrar de quanto nos aflige
é pior que trair um coração dolente.

Assim o tenho feito; e bem continuamente.
Embora sem o querer, tem-me sido preciso
com triste coração cantar alegremente.

Se no meu coração trago constantemente
o luto que afinal é o que mais me aflige,
pra outros divertir tem-me sido preciso
rir em vez de chorar, e muito amargamente
com triste coração cantar alegremente.

E eis-nos chegados, nesta rápida «peregrinação», à segunda metade do século XV: dizem os manuais de História que termina, por estas paragens, a Idade Média e se inicia a Idade Moderna... Pois sim, pois sim: este pândego com ar trocista não deu por nada disso e ficaria muitíssimo espantado se lhe dissessem que viveu «a cavalo» sobre essas duas épocas... Chama-se François Villon: não é homem que se preocupe com distinções desse género, com divisões cronológicas de semelhante rigor. Se canta a morte, é porque a *viu* demasiado perto dos seus olhos, porque esteve condenado à forca, porque só no último instante teve a sua pena indultada. Mas para o que ele nasceu, sobretudo, foi para cantar a vida, nas suas formas mais triviais, até mais sórdidas, e para exaltar os encantos (sem dúvida pouco ortodoxos...) das mulheres que conheceu melhor:

Se bem que sejam bem falantes
venezianas, florentinas;
se bem que a nós digam bastante
ainda outras mais antigas;
e que as de Roma ou Lombardia
falem que nem um chafariz
(mais as de Génova ou de Pisa)
— finas de boca, só em Paris!

Falam de papo geralmente
— ao que se diz — napolitanas;
e são também eloquentes
as alemãs e as prussianas.
Mas sejam gregas ou troianas
ou de qualquer outro país,
húngaras mesmo ou castelhanas
— finas de boca, só em Paris!

Sejam bretãs, sejam suíças,
ou de Tolosa, ou da Gasconha,
ao pé de duas parisinas
perdem o pio mais a ronha.
De inglesas digo a mesma cousa.
(Faltou citar algum país?)
Em parte alguma isto se encontra:
— finas de boca, só em Paris!

Príncipe, dá a estas damas
justo valor, como um juiz.
Por mais que as outras tenham fama
— finas de boca, só em Paris!

E continuemos a «peregrinação»: abandonemos agora a França, passemos a Itália em busca de novas melodias... Estamos já no século XVI: e eis-nos diante de um rosto grave, torturado, inquieto; o rosto de um dos maiores titãs da história da humanidade — Miguel Ângelo. Escultor incomparável, cuja força ainda hoje nos subjuga e cujo poder de comunicação, através da pedra, nada perdeu da sua eficácia, Miguel Ângelo — que foi ainda o grande pintor que todos igualmente admiramos — não foi menos puro e rigoroso como poeta, sobretudo em alguns dos sonetos que escreveu:

Vejo em teu belo rosto, senhor meu,
o que narrar não posso nesta vida.
Minh'alma, que de carne anda vestida,
graças a ti mais vezes sobe a Deus.

E se o vulgo malvado nos faz réus
da culpa dele próprio reflectida,
não se vê minha fé diminuída,
nem meu amor, nem os desejos meus.

Àquela pura fonte de onde vimos
se assemelha a beleza deste mundo,
sobretudo através de quem entende.

Do céu nem outros frutos possuímos
aqui na terra; e com amor profundo
é que se adoça a morte e a Deus se ascende.

Com este belo soneto de Miguel Ângelo poderíamos, sem dúvida, e creio que de excelente maneira, despedir-nos dos telespectadores até Outubro próximo. No entanto, há ainda um poeta — ou melhor: uma poetisa —, cujas obras têm sido tão repetidamente solicitadas, por espectadores deste programa, para que aqui as reapresentemos, que não podemos deixar de lhes fazer a vontade. Referimo-nos, como já viram, a Louise Labé; e com um soneto de amor de Louise Labé é que efectivamente nos despediremos:

Eu vivo, eu morro: e ardo, e arrefeço;
com extremo calor tremo de frio;
do mundo ora me espanto ora me rio;
no meio da alegria me aborreço.

E tal como jubilo me entristeço;
no prazer o tormento ludibrio;
meu bem não dura mais que um arrepio;
e seco de repente, e reverdeço.

Assim me arrasta o inconstante Amor:
e quando penso que é maior a dor,
sem saber como sinto-me liberta.

Mas do alto a que subo deslumbrada
novamente me vejo despenhada,
quando julgo a fortuna mais que certa.